

Duas exposições de artistas de Brasília trazem reflexões sobre o próprio fazer artístico e sobre a história do país

Nahima Maciel

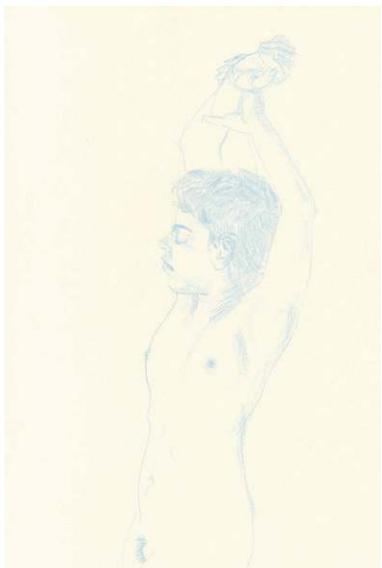
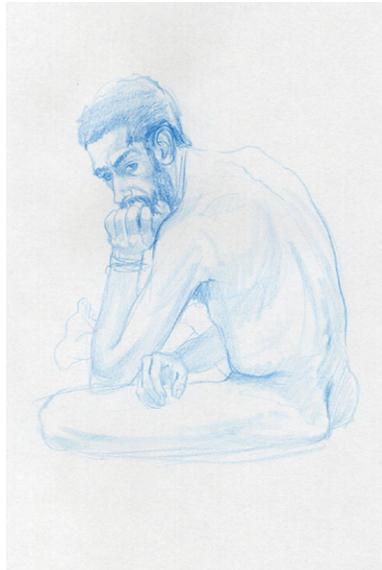
Durante mais de 15 anos, o artista Daniel Lopes fez parte do grupo de desenho de modelo vivo da Universidade de Brasília (UnB). Como participava dos encontros de maneira regular e constante, acabou produzindo uma enormidade de desenhos. Ele calcula que deva ter uns 7 mil, mas mostra apenas 350 na exposição *Habitar a linha*, em cartaz na Casa Niemeyer.

Os desenhos foram produzidos entre 2009 e 2024, em uma prática fundamental para o desenvolvimento do artista. “O desenho de modelo vivo remonta à época das academias e o estudo da figura humana tem esse propósito de chegar a alguns ideais anatômicos, mas isso inicialmente. Ao longo dos séculos, os artistas vão subvertendo isso”, explica. “É uma prática que serve muito para estudo e aprimoramento técnico, tanto na questão da anatomia quanto na da observação. Ao mesmo tempo, é uma forma de trabalho para os modelos, um espaço de troca. O grupo cria um espaço meio ambivalente, um encontro de artistas que tentam aprimorar suas habilidades nas suas áreas.”

O grupo de desenho de modelo vivo começou de maneira espontânea como uma forma, entre os alunos, de manter as práticas desenvolvidas em disciplinas da grade curricular do curso de artes visuais. Há três anos, tornou-se um projeto de extensão da

Desenhos e simbolismos

FOTOS: DANIEL LOPES



O grupo de desenho de modelo vivo da UnB foi a base para os desenhos de Daniel Lopes

UnB. “A ideia dos encontros é ser uma coisa dinâmica, não é uma aula e sim uma prática coletiva que muda organicamente de acordo com disponibilidade dos modelos, interesses dos artistas presentes”, avisa Lopes.

Identidades

A galeria deCurators recebe, a partir de amanhã, a exposição *Pedras que falam*,

de Suyan de Mattos, Renata Weber e Rafael Vaz. Jordana Barbosa ficou responsável pelo recorte curatorial que junta, na pequena galeria, instalação, performance e gravuras. As pedras portuguesas que servem a Suyan para falar de colonização, costuradas numa calçada que também é símbolo de apropriação territorial e esterilização cultural, os dentes de ouro da instalação

de Renata, que convida o espectador a levar os objetos do cobiçado metal, a pintura que oferece um caminho criada por Rafael, todo o conjunto remete às histórias de posse e domínio que marcam tantos povos e corpos colonizados. “Essa exposição se baseia em que a pedra é uma metáfora para o corpo. A pedra é um dos grandes símbolos estéticos que Portugal trouxe para as

colônias. Todos os países que Portugal colonizou têm calçada portuguesa. Para Portugal simboliza arte, cultura, estética, mas à medida que iam construindo também era uma forma de esterilizar o espaço. E para dizer esse território é meu, porque é um padrão de identidade. Então, a gente fala desse corpo que vai sendo destruído, da cobiça da exploração do ouro”, avisa Jordana.

SERVIÇO

Habitar a Linha: Desenhos de Daniel Lopes 2009-2024

Em cartaz até 10 de janeiro de 2025, diariamente, das 8h às 19h, na Casa Niemeyer (Park Way Q 26 Conjunto 3 - Núcleo Bandeirante)

Pedras que falam

Exposição de Renata Weber, Suyan de Mattos e Rafael Vaz. Curadoria: Jordana Barbosa. Abertura amanhã, às 19h, na deCurators (SCLN 412, Bloco C, Loja 22, Subsolo). Visitação até 31 de novembro.

.....